

SOLDADO SILVA

A jornada de um brasileiro
na Segunda Guerra Mundial



JOÃO BARONE

© João Barone

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Projeto gráfico, diagramação e capa
Estúdio Insólito

Diretora comercial
Patth Pachas

Fotos
Ana Carolina Fernandes

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Colorização da foto de capa
Marina Amaral

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Tratamento de imagens
Humberto Cesar / Casa 2 Imagem
Caco Bressane

Assistentes editoriais
Camila Martins
Henrique Torres

Preparação
Cristian Clemente

Revisão
Beatriz de Freitas Moreira

Impressão
Corprint

Nota: as fotos em que o soldado Silva aparece na Itália provavelmente foram feitas por algum de seus amigos de pelotão que figuram nas outras fotos.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B244s
Barone, João
Soldado Silva: a jornada de um brasileiro na Segunda Guerra Mundial / João Barone.
– 1. ed. – São Paulo: Livros de Guerra, 2022. 128 pp. il.

ISBN 978-65-87488-02-8

1. Silva, João. 2. Militares – Biografia – Brasil. 3. Guerra Mundial, 1939-1945. I. Título.

22-79330

CDD: 929.50981
CDU: 929:355.11(81)

Bibliotecária: Gabriela Faray Ferreira Lopes – CRB-7/6643



2022

Todos os direitos reservados à Livros de Guerra.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicado à minha esposa Janete, aos meus filhos Clara, Laura e Vicente, a meu neto Luca, a meus irmãos e irmã, e em especial à bisavó Elisa, que viveu intensamente toda esta história. Agradeço a vocês pela inspiração, amor e paciência de sempre com mais este trabalho.

CONTRA QUEM E POR QUE LUTAMOS

NO MOMENTO EM que escrevo este prefácio, estamos a ponto de completar cem anos da chegada do fascismo ao poder com Benito Mussolini e sua “Marcha sobre Roma” na Itália, isto é, o cenário das batalhas travadas pelos pracinhas contra esse movimento totalitário. O Duce foi o inspirador ideológico e estético de ditadores que vieram na sequência na Europa das décadas de 1920 e 1930.

Já completamos 89 anos da chegada do nazismo ao poder, quando Adolf Hitler se tornou *Reichskanzler*. Além disso, passaram-se 83 anos da invasão à Polônia, iniciando a Segunda Guerra Mundial. E também oitenta anos desde que o Brasil declarou guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista.

João Barone sustenta neste livro que os pracinhas que combateram as tropas de Hitler e Mussolini “lutaram unidos pelo nobre ideal de um mundo mais justo e democrático, contra o inimigo e sua repugnante causa totalitária”. No entanto, apesar de todo esse longo tempo transcorrido, ocorrem no mundo e também no próprio Brasil assustadoras reciclagens dos slogans nazifascistas que nossos praças combateram.

A toponímia brasileira é superavitária em nomes que evocam a Guerra do Paraguai, isto é, o conflito bélico da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai)

contra o Paraguai. Grandes avenidas, ruas, bairros e pontes, dentre outros marcos da geografia do Brasil, foram batizados com nomes de batalhas ou de generais e almirantes dessa guerra – como Duque de Caxias (quase quatrocentos casos de ruas e avenidas em todo o país), General Osório, Humaitá, Riachuelo e Tuiuti.

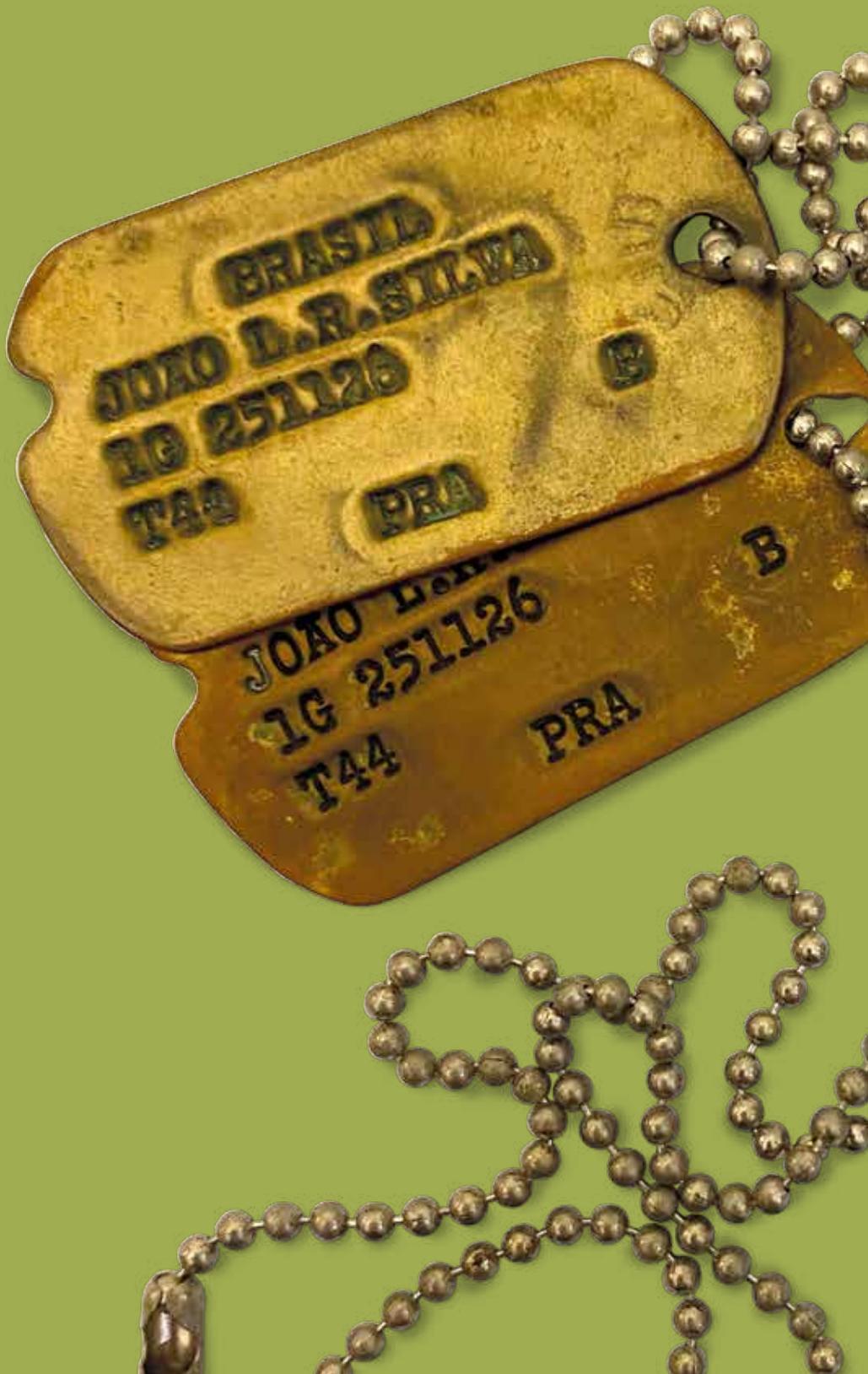
Porém, todos eles são nomes relativos a uma guerra que implicou o genocídio dos paraguaios, a destruição de um pequeno país, um conflito bélico de péssima fama no resto da região e no mundo.

Na contramão, a Segunda Guerra Mundial foi a guerra para salvar o planeta das hordas genocidas, racistas, obscurantistas e fanaticamente anticosmopolitas do nazifascismo. O Brasil participou do lado que lutava contra essa barbárie. Mas o número de ruas, praças e avenidas que evocam as batalhas travadas pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália é exíguo. Somos deficitários em ruas Monte Castello, avenidas Porretta Terme, praças Castelnuovo e pontes Montese.

O escritor argentino Jorge Luis Borges dizia: “algumas pessoas se vangloriam dos livros que escreveram. Eu me vanglorio dos livros que li”. Este novo livro de Barone entra para a plêiade desses que pude ler. A vida íntima de um soldado em meio à guerra. A micro-História estampada nas fotos clicadas pelo praça número 1.929, João Silva.

“Fomos lutar para que nada parecido aconteça novamente”, dizia o soldado João a seus filhos, quando lhes contava sobre a guerra do outro lado do oceano Atlântico. Este livro tem a missão de recordar aqueles valentes e intrépidos 25 mil brasileiros. Mas também tem uma missão paralela: a de nos fazer recordar que o “ovo da serpente” continua em alguns ninhos pelo mundo, inclusive no Brasil. E por isso é preciso continuar lutando para que nada parecido aconteça novamente.

Ariel Palacios



BRASIL
JOAO D.R. SILVA
IG 251126
T44 PRA B

JOAO D.R. SILVA
IG 251126
T44 PRA B

SUMÁRIO

9	PRELÚDIO
—	
13	O CONFLITO MAIS REGISTRADO DA HISTÓRIA
17	A JORNADA DO SOLDADO SILVA
35	ENTRADA EM SERVIÇO
53	O MELHOR PRESENTE DE NATAL ERA ESTAR VIVO
65	ACABOU A GUERRA. E AGORA?
83	VIDA QUE SEGUE
—	
95	MEMORABILIA SENTIMENTAL
—	
124	POR TRÁS DAS FOTOS
126	AGRADECIMENTOS
127	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



PRELÚDIO

A LEMBRANÇA DA participação do meu pai como soldado nas fileiras da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial ocupa um enorme espaço sentimental em nossa família. Para mim em particular, virou uma verdadeira obsessão. Ainda guardo na memória as poucas vezes em que conversamos sobre suas experiências em combate, quando geralmente resumia seus relatos com o máximo de objetividade, sem floreios ou episódios de ação e heroísmo: “Fomos lá cumprir nosso dever e pronto, mas muitos não voltaram para casa”; “Se eu matei alguém? Claro que não! Era só dar uns tiros para o alto e os alemães já vinham se rendendo...”. Meu pai muitas vezes redirecionava a conversa contando sobre a sorte que teve ao poder visitar alguns lugares históricos – como a Torre de Pisa, Florença, Roma e o Vaticano –, ver a neve branca do inverno rigoroso nas montanhas do norte da Itália, ou testemunhar a imensidão dos mares durante as viagens de ida e volta à Europa num navio.

Essas conversas ocorriam enquanto meus irmãos e eu segurávamos algumas das coisas que nosso pai trouxe de volta da guerra. Dentre os objetos que sobraram como prova de sua incrível jornada estavam alguns equipamentos pessoais, como o capacete de aço, cintos, uma faca de trincheira, um cantil e suas plaquetas metálicas de identificação pessoal, que traziam seu nome e muitos números. Algumas peças de seu antigo uniforme, de tão velhas e desbotadas, foram dadas

como roupa de trabalho para o jardineiro que cortava a grama e podava as árvores do nosso quintal. Do reduzido acervo de memórias da guerra, uma das coisas que mais nos chamava a atenção era um grande álbum de fotografias, muitas delas que ele mesmo tirou com uma câmera adquirida assim que a guerra terminou. Eram retratos dele e de seus irmãos de armas em alguns cenários muito conhecidos, como o Coliseu, a Praça de São Marcos e as ruínas do Senado Romano. Por entre as páginas também estavam alguns cartões-postais turísticos de Roma e vários panfletos de propaganda aliada, nos quais se destacava um aterrorizante livreto mostrando na capa um dos mais convincentes motivos para a luta das nações contra o nazifascismo: uma compilação de imagens estarrecedoras dos campos de extermínio onde aconteceram os horrores do que ficou conhecido como Holocausto.

Ao tentar nos explicar o porquê daquelas fotos de mortos-vivos e enormes pilhas de cadáveres, meu pai disse, lacônico: “Fomos lutar para que nada parecido aconteça novamente”. Foi assim que eu e meus irmãos criamos uma imagem quase heroica do nosso pai, mas ao mesmo tempo suspeitávamos que ele preferia não contar exatamente tudo o que viveu na guerra.

O tempo passou, e agora essas imagens e lembranças ganharam um contorno mais importante, no momento em que desaparecem as últimas testemunhas em primeira pessoa do que aconteceu no Brasil e no mundo oitenta anos atrás, durante a Segunda Guerra Mundial. As singelas fotos tiradas por meu pai simbolizam um pouco da história de cada um dos mais de 25 mil soldados brasileiros que lutaram unidos pelo nobre ideal de um mundo mais justo e democrático, contra o inimigo e sua repugnante causa totalitária. Manter vivas essas lembranças é uma forma de eternizar o sacrifício tanto dos que tombaram em combate como dos que voltaram para casa depois da missão cumprida. Cabe a nós perpetuá-la.

As imagens compiladas neste livro contam um pouco da história de um brasileiro antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial, e são complementadas

por um texto resumido sobre esse personagem, suas origens, seu cotidiano, sua trajetória de vida, sua experiência em combate, numa breve narrativa construída sobre os relatos pessoais que filhos e parentes ouviram, além de algumas referências bibliográficas e de um documento importante obtido no Regimento Sampaio, sua unidade militar: a Ficha de Alterações – um registro guardado em arquivo que mostra todo o histórico do soldado, desde seu ingresso até o desligamento da unidade –, que me foi gentilmente cedida pelo próprio comandante desse regimento, no Rio de Janeiro.

Essa linha do tempo configurada pelas imagens e por uma crônica em forma de legenda buscam transmitir para os dias de hoje um pouco do real significado dessa epopeia realizada pelos brasileiros daqueles tempos, jovens de todos os matizes sociais, plenos de ideais e submetidos às vicissitudes de um mundo imerso num conflito global, que cumpriram seu dever e deixaram seu legado para a posteridade. O praça 1.929, João Silva, foi um deles.

